

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
SÓ O CINEMA
17 de Novembro de 2020

DIARIES, NOTES & SKETCHES: WALDEN / 1964-69

Um filme de Jonas Mekas

Realização Argumento, Direcção de Fotografia (16mm, cor e preto & branco), Montagem, Som e Narração: Jonas Mekas / *Com as presenças de:* P. Adams Sitney, Stan Brakhage, Carl Th. Dreyer, John Lennon, Yoko Ono, os Velvet Underground, Shirley Clarke, Jack Smith, Peter Kubelka, Allen Ginsberg, Timothy Leary, Andy Warhol, Nico, Gerald Malanga, Edie Sedgwick, Jonas Mekas, Adolfas Mekas, Judith Malina, Tony Conrad, Ken & Flo Jacobs, Gregory J. Markopoulos, Marie Menken, Hans Richter, Lionel Rogosin, Barbet Schroeder, Michael Snow, Amy Taubin, etc.

Produção: Jonas Mekas / *Cópia:* da Lightcone (Paris), 16 mm (formato original), versão original legendada electronicamente em português / *Duração:* 176 minutos / *Inédito comercialmente em Portugal.*

A sessão decorre com uma curta pausa técnica para mudança de rolo.

Nota: Extraído de *To Free the Cinema – Jonas Mekas and the Underground*, coordenado por David E. James (Princeton University Press): “*Walden* foi originalmente intitulado *Diaries, Notes and Sketches, also known as Walden*. A intenção de Mekas era que os trechos posteriores dos “diários, notas e esboços” tivessem subtítulos semelhantes. Por exemplo, **Lost, Lost, Lost** devia ter sido intitulado *Diaries, Notes and Sketches: Lost, Lost, Lost* e assim por diante. A confusão que isto gerava, sobretudo nos laboratórios, levou-o a abandonar a designação genérica e agora todos os filmes posteriores a (ao que é conhecido como) **Walden** têm apenas o título específico. No entanto, *Diaries, Notes and Sketches* é frequentemente utilizado para designar o conjunto do projecto”.

Foi este primeiro “volet” de **Diaries, Notes & Sketches** que, a partir das suas primeiras exposições públicas no período 1969/1970, “formalizou” a condição de Jonas Mekas enquanto pioneiro do género diarístico, pelo menos enquanto prática sistemática e sistematizada. Mekas já tinha feito outros filmes de onde não estava ausente essa dimensão pessoal mas que eram, por assim dizer, mais “típicos”, com uma estrutura com princípio, meio e fim, como **Guns of the Trees**, de 1961 (visto aqui na Cinemateca há não muito tempo), e **The Brig**, de 1964. Mas, desde a sua chegada a Nova Iorque em 1949, vindo da Lituânia na condição de “deslocado” (fugira do país natal, com o irmão Adolfas, ainda durante a guerra), que filmava, em 16mm, o seu dia a dia. A esse material acumulado ao longo dos anos Mekas nunca mostrou muita pressa em dar-lhe uma forma de filme, quer dizer, em organizá-lo e montá-lo. Era um “work in progress”, o que também explica que alguns segmentos de **Walden** tenham tido vida própria enquanto curtas-metragens autónomas (é por exemplo o caso de **Cassis** e de **Notes on the Circus**). Mekas teve, aliás, ocasião de explicar que só decidiu “fechar” **Walden** quando apanhou um susto: um incêndio perto do local onde guardava os seus rolos de filme fê-lo ganhar consciência da fragilidade do material e de que tudo podia perder-se de um dia para o outro. Foi isso que o levou a dar como fechado este primeiro “episódio”, apresentado sempre, desde o

primeiro momento, como obra inacabada mas suficientemente coerente para ser vista como “um filme”. A sequência, ou sequências (porque no fundo até ao fim da vida, muito para lá dos 90 anos, Mekas continuou a fazer “diários, notas e esboços”), viriam ao longo dos anos e das décadas, mais notoriamente em **Lost, Lost, Lost**, apresentado em 1976, e o filme que de modo mais claro se articula com **Walden**.

Apesar de ter alguns “flashbacks”, para lhes chamar assim, **Walden** é um filme muito mais contemporâneo do que **Lost, Lost, Lost**, que focava um espectro temporal mais largo e mais recuado, reportando-se aos primeiros tempos de Mekas nos Estados Unidos. **Walden** reúne material filmado entre 1964 e 1969, período em que Mekas já estava integrado na vida nova iorqueana e se tinha tornado (pelo cinema que já tinha feito, pela Filmmakers’ Cinematheque onde mostrava o trabalho dos cineastas “underground”, pelo trabalho crítico na Village Voice e na Film Culture) uma das referências centrais do “underground” da cidade. Essa relação com o “meio ambiente” (que, de resto, é possivelmente a relação mais explícita com o *Walden* de Thoreau) é um dos pontos mais fascinantes do filme: a sua condição de “arquivo” de um círculo muito preciso, num período também ele muito preciso. Vê-se, pelos nomes enunciados na ficha técnica acima, até que ponto **Walden** funciona como “coleção”, como album de memórias de uma quantidade infindável de gente, alguns de importância perfeitamente estabelecida (as belas imagens de Carl Dreyer a quando de uma visita do dinamarquês aos Estados Unidos, o segmento com o exilado Hans Richter na sua casa nos arredores de Nova Iorque), outros que talvez nem o próprio Mekas supusesse que iam permanecer no imaginário colectivo com a força com que permaneceram (de cineastas como Stan Brakhage, Gregory Markopoulos ou o próprio Warhol a figuras da música como os Velvet Underground, de que *Walden* mostra supostamente a primeira apresentação pública, ou John Lennon e Yoko Ono, filmados extensivamente durante o famoso “bed in”, e com quem o filme praticamente acaba, ao som de *Give Peace a Chance*). Sem esquecer figuras como P. Adams Sitney, talvez a presença mais recorrente ao longo do filme, ou Peter Kubelka, amigos e parceiros de Jonas Mekas na fundação dos Anthology Film Archives em 1970.

Este registo, quase um “who’s who”, de uma Nova Iorque balizada no tempo e no espaço é precioso, mas a dimensão de **Walden** transcende-o. A sua sucessão de pequenos ensaios ou pequenos poemas conduz o filme, insistentemente, para uma visão mais abrangente da cidade – da sua arquitectura, da sua organização urbana, da sua vida de todos os dias, entre os passeios das ruas e avenidas aos jardins e aos parques, e ao longo de várias estações (do Verão ao Inverno, de novo ao Verão e a tudo o que está no meio, numa muito bela variação de tonalidades e paisagens que também tem o condão de exprimir uma sempre harmoniosa passagem do tempo). Grande parte de **Walden** são “cenas de rua”, vistas aparentemente anódinas que reenviam, de modo mais ou menos explícito, para o trabalho dos pioneiros do cinema e da fotografia (e não esquecer que o filme é dedicado aos irmãos Lumière). Portanto, nesse sentido, **Walden** é também uma extraordinária *visão* de Nova Iorque, *tout court*.

E depois há esse toque, sumamente belo, que vem do facto de Mekas ser um cineasta da alegria, um cineasta da vida. **Walden** é o filme de um homem agradecido – afinal, Nova Iorque deu-lhe aquilo a que poucos têm direito: uma segunda vida. Mesmo na melancolia, há uma felicidade contagiante ao longo das três horas de **Walden**, que passa pela voz “off” do próprio Mekas, pelas inscrições que vão pontuando o filme, mas passa ainda mais pelas imagens, tornadas quase “leit-motiv”, da natureza (as árvores) e das crianças, as muitas crianças, anónimas ou filhas de amigos e pessoas do seu círculo, que o filme mostra. Tudo expressões de uma energia vital que o filme capta admiravelmente, e transforma no sangue que o impulsiona: é um maravilhoso *filme de vida*.

Luís Miguel Oliveira